

El Cid - 1961

MARTIN SCORSESE AND MIRAMAX FILMS

Present

CHARLTON
HESTON

SOPHIA
LOREN



In a nation
divided by war,
no one fought
harder for peace.

FULLY RESTORED VERSION

MARTIN SCORSESE AND MIRAMAX FILMS PRESENT A SAMUEL BRONSTON PRODUCTION CHARLTON HESTON AND SOPHIA LOREN IN EL CID
ALSO STARRING RAF VALLONE AND GENEVIEVE PAGE CO-STARRING JOHN FRASER GARY RAYMOND HURD HATFIELD MASSIMO SERATO HERBERT LOM
MUSIC BY MIKLOS ROZSA EDITED BY ROBERT LAWRENCE WRITTEN BY FREDERIC M. FRANK AND PHILIP YORDAN DIRECTED BY ANTHONY MANN
A SAMUEL BRONSTON PRODUCTION IN ASSOCIATION WITH DEAR FILM PRODUCTION
THE FULLY RESTORED, UNCUT DOLBY STEREO VERSION DISTRIBUTED BY MIRAMAX FILMS



EPIC FILMS CORP. PRESENTS
COPYRIGHT 1961 EPIC FILMS CORP. ALL RIGHTS RESERVED

©1991 MIRAMAX FILMS ALL RIGHTS RESERVED



Comentários

Herói extraordinário este Dom Rodrigo Dias de Bivar.

A mais admirável personificação de lealdade, honra, compaixão, imparcialidade, coragem não importa ante o quê, senso de justiça e dever que um homem, à exceção de Jesus Cristo (que era perfeito exemplo) já demonstrou.

Como se não bastasse, este homem magnífico, encarnado brilhantemente por Charlton Heston, viveu no universo fascinante da Idade Média espanhola e em um cenário de “A Bela Adormecida” e prestes a ser tomado pelos exércitos de invasores árabes.

O diretor Anthony Mann, em excelente forma, esmerou-se numa belíssima reconstituição de época em fabulosas sequências de batalha, enquadradas em elegante fotografia.

Nunca a Idade Média apareceu tão bela no cinema, o que é claro não foi tão verdadeiro assim na realidade.

E poucos filmes épicos podem orgulhar-se de exibir batalhas tão majestosas!

A beleza e o talento imaculado de Sophia Loren abrilhantam este épico rico e nostálgico, embalado pela música inesquecível de Miklos Rosza, em uma de suas melhores partituras.

Um fator muito importante a cerca de El Cid é que o filme corretamente desfaz um preconceito que moldou a forma de pensar de muita gente.

Em sua arrogância, os europeus medievais criam ter construído uma civilização superior a qualquer outra, enquanto, na verdade, a Europa era a periferia da Civilização.

Era no Oriente que a luz da Civilização brilhava lidamente, e o ápice desta pirâmide de luxo e poder era o Império Árabe.

Na época em que El Cid é ambientado, havia uma fraqueza imperial entre os árabes e a Espanha estava dividida entre os herdeiros da velha Cristandade romana e os mouros, herdeiros dos árabes que havia conquistado a Espanha.

Apesar da fraqueza régia, os mouros ainda constituíam o povo mais brilhante e culturalmente avançado na Europa daqueles dias.

O preconceito de superioridade dos europeus medievais sobre o resto do mundo ainda é a opinião que muitas pessoas tem ainda hoje.

Um diretor menos cuidadoso teria apresentado uma representação sombria dos mouros, com cenários lúgubres e hábitos estranhos demais.

Ao invés disso, Mann nos fascina com palácios maravilhosos e ricos trajes de seda, num nítido contraste com as pedras cinzentas das muralhas e castelos europeus, todos muito pouco confortáveis e salubres.

É este contraste, é esta realidade que impressionou os europeus e alguns séculos depois e os impulsionou a rumar para a Ásia em caravelas e cruzadores na busca da grandeza e da riqueza que os orientais haviam construído para si.

El Cid é um espetáculo de História, uma explosão de romance impossível e devastador, da importância da luta de um homem por seus ideais e um dos mais belos épicos do cinema mundial

Este filme chama a atenção pelo seu profundo sentido místico e sua capacidade para levar-nos poderosamente a outro lugar e um outro tempo.

Historicamente este filme não pode ser defendido, em diversas ocasiões, afasta-se por completo da realidade de seu tempo original, embora deva ressaltar-se que, no conjunto, expressa-se com bastante fidelidade, é esta é a grande qualidade desta excepcional produção, feita para ficar impressa em nossa memória de modo indelével.

Sem dúvida, há dois elementos esplêndidos que sublimam a película um é a fantástica trilha sonora e música de Miklós Rózsa (“Ben-Hur”, “Rei dos Reis”), que consegue um resultado magnífico e o outro é a cenografia e os figurinos, que sem sombra de dúvidas são extraordinários, caracterizando assim uma das melhores direções de arte dos anos sessenta.

Tudo isso leva-nos à época de uma forma forma romântica (correta), o “cheiro” do medieval “aparece” em cada plano filmado.

Mas, se alguém tem o mérito de conseguir que esta história funcione, esse é, sem dúvida alguma, Charlton Heston que está superlativo e que, à medida que o filme avança, observamos como vai crescendo no papel do herói, até tornar-se o próprio El Cid em toda a sua plenitude.

Sem ele, o filme jamais seria o mesmo.

Um ator em estado de graça, em um papel feito sob medida.

Sophia Loren, bela, belíssima, não está tão lúcida quanto poderia, mas projeta sua formosura, que, no roteiro, é o essencial.

É lastimável, mas muito romântico, que se tenha dado tanta ênfase à sua história de amor, em detrimento da ação, constantes da história e da lenda.

A grande atriz da película é a francesa Geneviève Page, como Urraca, que, além de seus belos atrativos, oferece-nos uma riqueza de detalhes na composição de sua personagem poucas vezes já vista.

Algo que também me fascina é o ar semi-religioso, quase herético na cena onde se ouve:

- “Crê em El Cid como eu no Profeta?” - Pergunta Ben Yussuf.

- “Sim, creio” - Responde Ordóñez. - Fantasticamente irreverente.

“El Cid” foi o primeiro filme da empresa de Bronston e o melhor, apenas superado em algumas questões por “55 dias em Pequim” e muito superior a “Rei dos Reis”, “A Queda do Império Romano”.

Sinopse

A trajetória de Rodrigo Diaz de Bivar, mais conhecido como El Cid (Charlton Heston), herói espanhol do século XI que uniu os católicos e os mouros do seu país para lutar contra um inimigo comum, o emir Ben Yussuf (Herbert Lom).

Essa longa jornada começou quando Rodrigo, um súdito do rei Ferdinand de Castella, Leão e Astúrias (Ralph Truman), liberta cinco emires que eram prisioneiros dele e, por causa deste ato, é acusado de traição.

Don Ordóñez (Raf Vallone) acusa-o inicialmente mas, na corte, é o Conde Gormaz de Oviedo (Andrew Cruickshank) quem acusa duramente Rodrigo e humilha Don Diego (Michael Hordern), o pai de Rodrigo.

Estes acontecimentos acabam provocando um duelo de Rodrigo com o Conde Gormaz, o campeão do rei.

Rodrigo mata-o, mas acontece que Gormaz também era pai de Jimena (Sophia Loren), a mulher que Rodrigo amava e com quem iria casar-se.

Mas, em virtude do acontecido, ela passa então a odiar (ou pensa, que odeia) Rodrigo, seu antigo amor.

Aproveitando esse momento conturbado, Ramiro, rei de Aragão, exige a posse da cidade de Calahorra e sugere que ela seja disputada entre os paladinos de cada reino, em uma luta até a morte.

Então, Rodrigo se apresenta para duelar pelo seu rei, pois ele tinha matado Gormaz, o antigo paladino e se Rodrigo vencesse o combate contra Don Martin (Christopher Rhodes), que já tinha matado vinte e sete homens em combates corporais, seria perdoado pelo rei...

Curiosidades

A lenda sobre El Cid foi ampliada por influencia de uma canção épica do século 12 em Castela, chamada "El cantar de mio Cid" (um manuscrito do século XIV feito por Per Abbat encontra-se na Biblioteca Nacional da Espanha) e mais tarde pela peça de Pierre Corneille "Le Cid", executada a primeira vez em 1637.

Houve também a película El Cid produzida em 1961 por Samuel Bronston e estrelada por Charlton Heston e Sophia Loren, objeto deste texto.

A lenda épica conta que Rodrigo Diaz teria se casado a primeira vez com Jimena Gomez, filha do conde Gomez de Gormaz.

O frei beneditino Prudencio de Sandoval, depois de examinar óbitos antigos, se mostrou disposto a admitir que Rodrigo Diaz se casou em primeiras nupcias com esta Jimena Gomez e em segunda núpcias com Jimena Diaz.

Na literatura, as filhas de Rodrigo, Cristina e Maria, são chamadas de Elvira e Sol.

Interpretes

Charlton Heston (El Cid)



Sophia Loren (Jimena)



Raf Vallone (Conde Ordóñez)



Geneviève Page (Princesa Urraca)



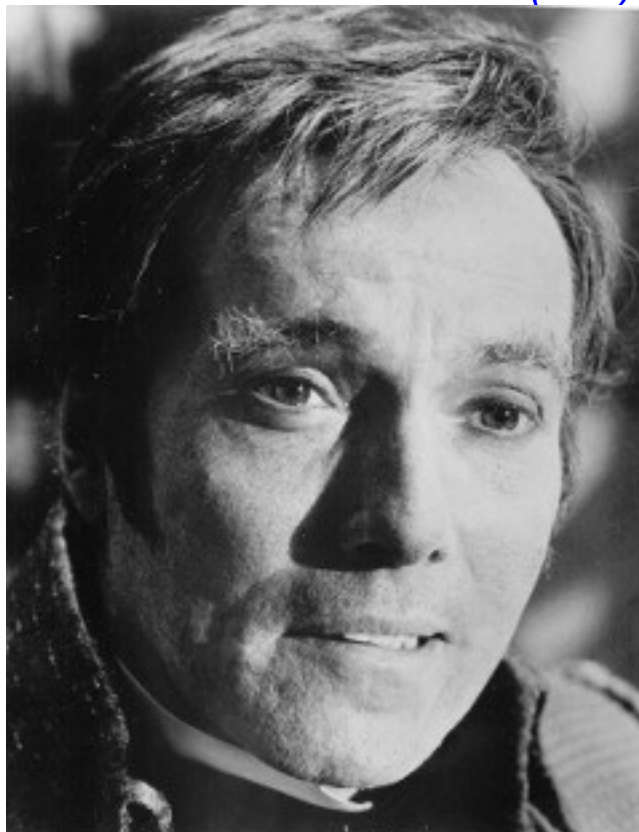
John Fraser (Príncipe Alfonso)



Gary Raymond (Príncipe Sancho)



Hurd Hatfield (Arias)



Massimo Serato (Fañez)



Michael Hordern (Don Diego)



Andrew Cruickshank (Conde Gormaz)



Douglas Wilmer (Moutamin)



Frank Thring (Al Kadir)



Tullio Carminatti (Padre)



Ralph Truman (Rei Ferdinand)



Christopher Rhodes (Don Martín)



Carlo Giustini (Bermúdez)



Gérard Tichy (Rei Ramírez)



Herbert Lom (Emir Ben Yussuf)



Premiações

1962 - Academy Awards, EUA

Indicado ao Oscar nas categorias de:

Melhor Direção de Arte (Decoração – Cores), para Veniero Colasanti e John Moore

Melhor Trilha Musical, para Miklós Rózsa (música) e Paul Francis Webster (letra), pela composição "Love Theme from El Cid (The Falcon and the Dove)"

Melhor Canção, para Miklós Rózsa

1961 - British Society of Cinematographers

Ganhou prêmio de Melhor Fotografia, para Robert Krasker

1962 - Cinema Writers Circle Awards, Espanha

Ganhou Menção Especial como Melhor Filme Estrangeiro

1962 - Directors Guild of America, EUA

Indicado ao Prêmio DGA por Excepcional Direção em Cinema, para Anthony Mann

1962 - Golden Globes, EUA

Ganhou o Prêmio de Mérito Especial, para Samuel Bronston (produtor)

Indicado ao Globo de Ouro nas categoria de

Melhor Filma – Drama

Melhor Diretor, para Anthony Mann

Melhor Trilha Sonora, para Miklós Rózsa

1962 - Laurel Awards

Ganhou o Golden Laurel, na categoria de Melhor Drama de Ação

Segundo Lugar na categoria de Melhor Trilha Sonora

1962 - Motion Picture Sound Editors, EUA

Ganhou o prêmio Golden Reel na categoria de Edição Sonora

São Paulo, SP, 03 de Maio de 2012

Mkmouse